

*Cosmovisão e arte:
uma introdução
comprometida*

Hermisten Maia Pereira da Costa

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: hermisten@terra.com.br

RESUMO

Partindo do princípio de que não há neutralidade em qualquer avaliação, descrevemos a criação, queda e redenção do homem, analisando como a arte – reflexo da imagem de Deus estampada no ser humano – está presente em todas as culturas. Sustentamos que toda arte evidencia a cosmovisão de seu autor e apresentamos alguns elementos que caracterizam a chamada arte cristã e a necessidade de avaliá-la biblicamente. Entendemos que o padrão absoluto de beleza, do qual temos reflexos, está em Deus, que nos concede as Escrituras como parâmetro avaliativo. Somente um cristão poderá apresentar uma arte consistente com a amplitude da realidade revelada.

PALAVRAS-CHAVE

Arte. Cosmovisão. Revelação geral.

INTRODUÇÃO

Desde a criação o homem foi colocado numa posição acima das outras criaturas, cabendo-lhe o domínio sobre os outros seres criados, sendo abençoado por Deus com a capacidade de procriar-se (Gn 1.22) e dispondo de grande parte da criação para o seu alimento (Gn 1.26-30; 2.9). Como indicativo da posição elevada em que o homem foi colocado, o Criador compartilha com ele – abençoando e capacitando-o – do poder de nomear os animais – envolvendo neste processo inteligência e não arbitrariedade –, e também de dar nome à sua mulher (Gn 2.19, 20, 23; 3.20).

E mais: Deus delega-lhes poderes para *cultivar* (עָבַד) ('abad) (lavar, servir, trabalhar o solo) e *guardar* (שָׁמַר) (shāmar) (proteger, vigiar, manter as coisas)¹ o jardim do Éden (Gn 2.15; Gn 2.5; 3.23), demonstrando a sua relação de domínio, não de exploração e destruição, antes, um cuidado consciente, responsável e preservador da natureza (Sl 8.6-8).

1 Vejam-se: Gn 3.24; 30.31; 2 Sm 15.16; Sl 12.7; Is 21.11-12.

No entanto, todas essas atividades envolvem o trabalho compartilhado por Deus com o ser humano. O nomear, procriar, dominar, guardar e cultivar refletem a graça providente e capacitante de Deus. É neste particular – domínio – que o homem foi bastante aproximado de Deus pelo poder que lhe foi outorgado.

Ao homem foi conferido o poder de ir além da matéria, podendo raciocinar, estabelecer conexão e visualizar o invisível. “O pensamento e o conhecimento do homem, apesar de serem extraídos de seu cérebro, são todavia em sua essência uma atividade inteiramente espiritual, pois transcendem aquilo que ele pode ver e tocar” (BAVINCK, 2001, p. 18).

Ao homem, portanto, foi concedido o privilégio responsabilizador de pensar, analisar, escolher livremente o seu caminho de vida, verbalizar os seus pensamentos e emoções, podendo, assim, dialogar com o seu próximo (Gn 3.6) e com Deus (Gn 3.9-13), sendo entendido por Ele e entendendo a Sua vontade. Portanto, desde o início estava constituída uma *comunidade*, já que: “Comunicar é uma maneira de compreensão mútua” (MAY, 1974, p. 57-58).

Todavia, algo de dimensões gravíssimas aconteceu: o pecado.

“UM HINO RESSOA AO SENHOR!”²

Portanto, por mais que ao homem convenha, com sério propósito, os olhos volver à consideração das obras de Deus, uma vez que foi colocado neste esplendíssimo teatro para que lhes fosse espectador, todavia, para que frua maior proveito, convém-lhe, sobretudo, alçar os ouvidos à Palavra (CALVINO, 1985-1989, I.6.2).

O pecado, que consiste na quebra de relacionamento com Deus, trouxe ao ser humano diversas consequências. Entre elas, a perda da sensibilidade espiritual. O ser humano perdeu a capacidade de reconhecer a Deus em Seus atos manifestos em toda a Criação, na Palavra e, plenamente revelado em Cristo Jesus. A quebra dessa comunhão com Deus interferiu diretamente, de forma significativa e decisiva, em todas as demais relações, inclusive em nossa maneira de ver e atuar no mundo.

O pecado alienou-nos de Deus, de nós mesmos, do nosso semelhante e da natureza. Assim, o pecado, de certa forma, desumanizou-nos. A Queda trouxe consequências desastrosas à imagem de Deus refletida no homem. No entanto, mesmo após a Queda, o homem não regenerado continua sendo imagem e semelhança de Deus (*aspecto metafísico*): apesar de o pecado ter sido devastador

2 Frase do coro do hino *Um Hino ao Senhor*, composto por Charles H. Gabriel (1856-1932) e traduzido pelo Rev. Mattathias Gomes dos Santos (1879-1950) em 1931. Entre outros hinários, consta no *Novo Cântico: Hinário Presbiteriano*, Hino n. 27.

para o homem, Deus não apagou a sua “imagem”, ainda que a tenha corrompida, alienando-o de Deus. O pecado trouxe como implicação a perda do *aspecto ético* da imagem de Deus. A nossa vontade, como agente de nosso intelecto, agora, é oposta à vontade de Deus: “Observemos aqui que a vontade humana é em todos os aspectos oposta à vontade divina, pois assim como há uma grande diferença entre nós e Deus, também deve haver entre a depravação e a retidão” (CALVINO, 1997, p. 267). A imagem que agora refletimos estampa mais propriamente o caráter de Satanás.

No Éden só havia um livro: o livro da natureza; todavia, com o pecado humano, a natureza também sofreu as consequências, ficando obscurecida, perdendo parte da sua eloquência primeira em apontar para o Seu Criador (Gn 3.17-19) e, como parte do castigo pelo pecado, o homem perdeu o discernimento espiritual para poder ver a glória de Deus manifesta na Criação (Sl 19.1; Rm 1.18-23). A Revelação Geral que fora adequada para as necessidades do homem no Éden – embora saibamos que ali também se deu a Revelação Especial (Gn 2.15-17, 19, 22; 3.8ss) –, tornou-se, agora, incompleta e ineficiente para conduzir o homem a um relacionamento pessoal e consciente com Deus. A observação de Calvino (1509-1564) parece-nos importante aqui: “Lembremo-nos de que nossa ruína se deve imputar à depravação de nossa natureza, não à natureza em si, em sua condição original, para que não lhe lancemos a acusação contra o próprio Deus, autor dessa natureza” (CALVINO, 1985-1989, II.1.10).

Todavia, mesmo a Criação sendo obscurecida pelo pecado humano, continua a revelar aspectos da natureza e do caráter de Deus. Como bem acentuou Calvino:

Assim é que Deus tem estabelecido por toda parte, em todos os lugares, em todas as coisas, suas insígnias e provas, às vezes em brasões de tal nítido entendimento que ninguém pudesse alegar ignorância por não conhecer um tal soberano Senhor que tão amplamente havia exaltado sua magnificência. É quando, em todas as partes do mundo, no céu e na terra, Ele escreveu e praticamente gravou a glória de Seu poder, Sua bondade, sabedoria e eternidade³.

A fé cristã fundamenta-se – porque foi por isso que ela se tornou possível –, na existência de um Deus transcendente e pessoal (infinito-pessoal) que se revela e se comunica conosco. Sem a comunicação divina não haveria teísmo nem ateísmo, simplesmente jamais chegaríamos ao conceito de Deus ou à sua negação. Portanto, “a comunicação divina é a base fundamental da fé cristã” (LLOYD-JONES, 1991, p. 24).

3 Prefácio de Calvino à tradução do Novo Testamento feita por Pierre Olivétan (FARIA, 2008, p. 15).

O Salmo 8 exalta a majestade do nome de Deus manifesta na Criação. Aliás, a majestade de Deus e o seu nome, são aqui, poeticamente sinônimos (Sl 8.1). É um hino que por meio do homem dignifica a majestade de Deus. É um hino à glória majestade do Deus Criador.

É possível que Davi tenha composto este Salmo na juventude, quando era apenas um pastor de ovelhas, quando as suas lutas eram bastante complexas na simplicidade de sua vida. Nessa fase de sua vida, certamente passava muitas noites dormindo ao relento, contemplando as estrelas no firmamento e refletindo sobre o poder de Deus. Essa mesma fé amadurecida pelas experiências com o Senhor o acompanhará.

Outra ocasião provável é quando, um pouco mais maduro, já ungido rei, é foragido de Saul, que queria matá-lo. Nesse período teve oportunidade, ainda que com o coração angustiado, de experimentar a mesma sensação de ver e refletir sobre a imensidão do céu diante dos seus olhos: “Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade. [...] ³ Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste” (Sl 8.1, 3).

O salmista, à noite, tendo o céu estrelado diante de si, contempla parte da Criação e exulta demonstrando que em toda a terra o nome de Deus é exaltado. Ele ultrapassa a visão apenas local de Israel, para reconhecer que o testemunho de Deus na Criação se estende a toda a terra (Sl 8.1). “O mundo foi originalmente criado para este propósito, que todas as partes dele se destinem à felicidade do homem como seu grande objeto” (CALVINO, 1999, (Sl 8.6), p. 172).

O salmista percebe que este reconhecimento da majestade de Deus só se tornou possível pela revelação de Deus na Criação: “Pois expuseste nos céus a tua majestade” (Sl 8.1). É Deus mesmo quem sempre inicia o processo e os meios de comunicação entre Ele e nós. A Sua comunicação é sempre um ato de graça. Após a Queda, envolve também a Sua misericórdia.

Davi, ciente de que a Criação não é uma mera extensão da essência de Deus, não se detém na Criação; antes, vai além, reconhecendo a glória de Deus nela. No Salmo 19 o salmista faz uma referência semelhante de modo mais amplo:

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.² Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite.³ Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som;⁴ no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo [...] (Sl 19.1-4).

Contudo, os homens, insensíveis à majestade de Deus, corrompidos em seus pecados, entregaram-se à idolatria (Rm 1.20-25).

A Criação, portanto, nos fala de Deus, de Sua majestade e poder. É necessário que tenhamos nossos olhos abertos para contemplar a Deus por intermédio de Suas obras. A confiança do salmista passava pela Criação e repousava em Deus: “Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro?² O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra³. Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda” (Sl 121.1-3). O meu socorro não vem dos montes, mas, do Senhor (יהוה) (Yehovah) que criou todas as coisas, inclusive os montes, podendo, se assim o quiser, valer-se desses montes, como parte de Sua criação, para me abrigar e proteger.

A ARTE ONIPRESENTE

O cristianismo tem que saturar, não tão somente todas as nações, senão também todo o pensamento humano. [...] O Reino deve ser promovido; não só em ganhar a todo homem para Cristo, senão em ganhar o homem inteiro (MACHEN, 1974, p. 11).

A busca pela excelência é uma maneira de louvar a Deus (SCHAEFFER, 2010, p. 20).

Nenhuma obra de arte é mais importante que a própria vida do cristão e todo cristão deve se preocupar em ser um artista nesse sentido. [...] A vida do cristão deve ser algo verdadeiro e belo em meio a um mundo perdido e desesperado (SCHAEFFER, 2010, p. 76).

Pela *graça comum* de Deus⁴ a arte sempre esteve presente, ainda que de forma variada e desproporcional, em todas as formas de cultura, por mais rudimentar que esta seja. A arte não começa na cultura. Antes, cada cultura observando a Criação pôde desenvolver a sua arte a partir da beleza expressa em toda a Criação, iniciando um diálogo entre o revelado e o modo de ver de um povo naquele estágio de sua história. Além disso, não podemos limitar a arte às obras dos grandes gênios.

Insisto, a arte é sempre um diálogo responsivo, primeiro com a Criação, com o percebido no mundo; é uma resposta natural de uma cultura com sua língua, perspectivas e valores. Ela reflete de alguma maneira – ainda que os gostos va-

4 “Graça comum é o termo aplicado àquelas bênçãos gerais que Deus comunica a todos os homens e mulheres, indistintamente, como Lhe apraz, não só a seu próprio povo, mas a todos os homens e mulheres, segundo o Seu beneplácito. Ou, de outra forma, graça comum significa aquelas operações gerais do Espírito Santo nas quais, sem renovar o coração, Ele exerce influência moral por meio da qual o pecado é restringido, a ordem é preservada na vida social e a justiça civil é promovida” (LLOYD-JONES, 1998, p. 36).

riem de cultura para cultura, de épocas e épocas e de pessoa para pessoa –, o apreço pelo belo; a necessidade latente ao ser humano de exteriorizar-se e, ao mesmo tempo, a leitura feita do mundo; como ele é percebido. A arte reflete a nossa humanidade, com todas as implicações dessa afirmação, ou seja: a nossa condição ontológica e as circunstâncias de nossa existência e percepção.

A beleza é um apelo comum à humanidade, não simplesmente o gosto pela funcionalidade. O belo tem seu apelo próprio à nossa natureza. Aliás, a experiência estética é comum a todo ser humano, nos acompanhando, ainda que não a classifiquemos assim, a todo momento, na contemplação de uma árvore, o olhar o céu, a apreciação da engenharia de um determinado modelo de carro, a relação de confiança e amizade entre pais e filhos, a risada de uma mãe etc.

Na busca da expressão do belo, bom e verdadeiro, a cultura se revela e se fortalece em seus propósitos conservadores ou revolucionários. Em nossas respostas revelamos no que cremos e, conseqüentemente, quem somos aos nossos próprios olhos, deixando transparecer, por vezes, os nossos temores, inseguranças, carências, desejos e esperanças.

Curioso é que o artista – que, por vezes, não sabe que o seja –, nem sempre tem consciência de estar fazendo arte. Salvo uma encomenda específica – como uma porta, por exemplo, a fim de substituir outra já corroída pelos cupins –, que artista produz uma obra de arte para a “arca de Noé” chamada de museu?⁵ Aliás, o que de fato podemos chamar de arte, considerando a polivalência da palavra *Arte*?⁶ Quando redijo estas notas, por exemplo, penso apenas em colocar no papel algumas ideias fruto de alguma leitura e reflexão. O meu objetivo é simples: comunicar determinadas percepções. Para mim, e certamente para vocês também, isso tem muito pouco de arte. Contudo, imaginemos este pedaço de papel sendo achado daqui a 500 anos em meio a uma carência assustadora de documentos de nossa época. É possível que este texto ganhe um sentido totalmente diferente do proposto. Ele poderia ser estudado a partir de uma abordagem, sem dúvida generalizante, de como o homem no início do século XXI escrevia, organizava suas ideias e pensava. Assim, teríamos um documento, um texto que representaria uma cultura, devendo, portanto, ser preservado como uma arte deste período. A ironia é que a sua importância certamente estaria no fato de ser datado. (Aliás, como deixar de ser datado, sendo autêntico?). Portanto, é bem

5 Palavra derivada do grego *μουσείον* (“templo das musas”). Os museus modernos surgiram apenas no século XVII.

6 A nossa palavra *arte* vêm do latim *ars* e *artis*, que traduz o grego *τέχνη* (*habilidade, ofício*), significando *habilidade, profissão e arte*. Pode ser definida como “conjunto de preceitos e regras para fazer bem qualquer coisa” (Caldas Aulete). Na Idade Média era comum a palavra ser associada a “engano” e “fraude”, bem como a expressão “*sem arte*” significar o mesmo que “sem engano”, “honestamente”. O uso da palavra associando-a às “Belas”, daí “*belas-artes*” (nobres artes) é um emprego tardio imitando o francês. Do termo latino são derivados outros, tais como: *arteiro* (“enganoso”, “traidor”, “astuto”, “ardiloso”); *artesanato*, *artista*, *enartar* (espanhol que significa enganar), *inerte* (sem capacidade, sem talento, inativo); *artefato* (“feito com arte”), *artífice*, *artesanal*, *artifício*, *artificial*, *artimanha* (artifício para enganar). Na linguagem popular era comum dizer-se de uma criança, digamos, criativamente agitada, ser “arteira”.

provável que muito do considerado arte por nós não tivesse esta pretensão por aquele que a elaborou.

Deve ser dito que a criatividade nem sempre foi o ponto alto na avaliação de um artista, daí o fato de o artista, até o início do século XV, se confundir com o artesão – aquele que trabalha com seriedade e qualidade seguindo um modelo preestabelecido. Essa distinção, por sua vez, viria contribuir para uma nova concepção de artista, agora, um ser exótico e quase divino, que em sua obra revela encantos da natureza até então percebidos só por ele; um iluminado, contribuindo para fornecer uma síntese integralizadora da realidade que somente os iluminados como ele poderiam entender⁷. Desse modo, a partir do século XVIII, a arte, de certa forma, assumiu o lugar da religião, ainda que a religião fosse privatizada, questão de cada um, não devendo interferir em sua vida como um todo. Conforme escreveu Rookmaaker (2010, p. 15-16):

Apesar de o século 18 não ser abertamente anticristão, havia uma profunda busca por um mundo descristianizado. A religião não era problema, desde que ela fosse de ordem puramente particular e não interferisse nas coisas importantes deste mundo, como a ciência, a filosofia, a erudição e as belas artes. Assim desenvolveu-se o princípio da neutralidade: no trabalho erudito, deveríamos deixar para trás as coisas irrelevantes e totalmente subjetivas, tais como nossas convicções religiosas. Precisávamos buscar aquilo que fosse objetivo, que fosse verdade independentemente da nossa fé.

A arte é sempre imaginativa, trazendo consigo, além da imagem simbolizada, um pouco de seu autor, da sua geografia e percepção da realidade, que também o espreita de forma por si só comparativa e, por isso mesmo, revelante. O real é a essência, a arte é apenas uma colônia, quando muito, apenas um extrato com uma densidade maior, portanto, mais próxima da realidade. Por mais que o artista tente transcender o real, é o real que o referencia e o valida⁸.

7 Vejam a situação paradoxal na qual me encontro: se falo ou escrevo e vocês não me entendem é porque sou obscuro, inatingível, falta-me didática. Se não entendo uma obra de arte, além de me sentir humilhado, sou taxado de ignorante, falta-me sensibilidade. Dias depois me senti aliviado lendo a obra de José Ortega y Gasset. Senti-me mais humano (ORTEGA Y GASSET, 2008). Creio que gradativamente se perdeu a dimensão de que a arte é um discurso que visa ser compreendido por todos que desejarem entendê-lo. A arte não pode ser apenas para o artista, mas para o público em geral. Lembro-me de que há uns 20 anos um importante jornal de São Paulo passou a publicar mensalmente, se não me engano, um caderno com resenhas de obras/edições lançadas recentemente. A impressão que tinha ao ler aquelas resenhas é que o resenhista escrevia para os seus colegas do jardim de Academo, da Academia, não para o público que desejava entender e avaliar o que estava sendo publicado. No mês seguinte, podia aguardar; teria a resposta de outro erudito com uma resenha ainda mais complexa para evidenciar o seu grau mais profundo de obscuridade comunicativa. Fico imaginando se eles não se divertiam entre si na sala do grêmio dos intelectuais, num saboroso jogo de pingue-pongue acadêmico, se vangloriando de suas peripécias linguísticas, das quais estariam de fora os seus esforçados, porém ignorantes leitores.

8 Como exercício reflexivo, sugiro a leitura de Ortega y Gasset (2008, p. 39-43).

A tendência natural é que reproduzamos o que está mais próximo de nós, quer fisicamente (minha casa, meu filho, a mulher amada, meu animal de estimação, uma paisagem próxima etc.)⁹, quer em minha mente, expressando temores, incompreensões, sonhos e desejos. A arte tem a digital de seu autor. Ela provém do interior do artista. E, como todos os nossos demais trabalhos, expressa, sem necessariamente nos darmos conta, o nosso sentido de valor¹⁰. Como bem disse o pintor norueguês Munch (1863-1944)¹¹ no início do século XX, num momento não rotineiro de sobriedade: “A arte é a compulsão do homem para a cristalização. [...] A natureza não é apenas o que o olho pode ver. Ela mostra também as imagens interiores da alma – as imagens que ficam do lado de trás dos olhos” (CHIPP, 1999, p. 112).

Paul Cézanne (1839-1906), artista de grande sensibilidade, escreveu a seu filho um mês antes de morrer, revelando as múltiplas e ricas percepções de um objeto, as quais tentava reproduzir em sua obra:

Devo dizer que, como pintor, estou começando a enxergar melhor a natureza. Mas, comigo, a realização de minhas sensações é sempre muito difícil. Não consigo captar a intensidade de tudo que se desdobra diante de meus sentidos, não alcanço a riqueza da natureza. Aqui, na beira do rio, os motivos são tantos que um mesmo objeto visto de um ângulo um pouco diferente já daria para estudos de maior interesse; e tão variados são que eu poderia trabalhar por meses a fio sem mudar de lugar, simplesmente olhando um pouco mais para a direita ou para a esquerda (OSTROWER, 2003, p. 127).

DEUS, AS ESCRITURAS E A ARTE

Quando historiadores da arte tratam da arte produzida pelos judeus, é comum a identificação da proibição divina quanto à idolatria (Ex 20.4-6) com uma suposta proibição divina à arte. É possível que a falta de uma maior clareza de interpretação bíblica tenha contribuído para o não desenvolvimento de determinada manifestação artística entre os judeus. Dentro de uma perspectiva

9 Paul Cézanne, por exemplo, em seus quadros reproduziu dezenas de vezes *O Monte de Sainte-Victoire* em Provence, interior da França, onde vivia (Vejam-se: FARHING, 2011, p. 332; OSTROWER, 2003, p. 126, 2004, p. 113-114). É muito sugestivo o trabalho feito por Erle Loran (1905-1999), que percorreu essa região fotografando o que serviu de inspiração à arte de Cézanne (LORAN, 1963).

10 Veja-se, por exemplo, a afirmação de Schaeffer a respeito de alguns pintores dos séculos XIX-XX (SCHAEFFER, 2003, p. 130).

11 Enquanto revisava a primeira versão deste texto, foi anunciada a venda em um leilão em Nova York (em 2 de maio de 2012) de um quadro de Munch, *O grito* (1893), por um preço recorde, cerca de 240 milhões de reais (EURONEWS, 2012).

mais ampla, devemos entender que a arte nas Escrituras é proibida apenas como instrumento de idolatria, não como meio de glorificar a Deus por meio do belo:

O fato de que querubins foram bordados no véu interno do Tabernáculo (Ex 26.31), de que as paredes do Templo de Salomão foram esculpidas com figuras de querubins e palmeiras (1Rs 6.29), e de que Tabernáculo e Templo tinham figuras de querubins no propiciatório, dentro do Santo dos Santos, indica que o segundo mandamento não impediu a produção de trabalhos artísticos (STIGERS, 2008, p. 513)¹².

No Antigo Testamento encontramos com frequência a ação do Espírito associada à vida intelectual de diversos homens (Vejam-se: Jó 32.8; 35.10, 11; Gn 2.7; Ex 31.2-6; 35.31-35; Nm 11.17, 25-29; 27.18-21; Dt 34.9). O Espírito é o autor de toda vida intelectual e artística; n'Ele temos o sentido do belo e sublime como expressão da santa harmonia procedente do Deus Triuno, que é perfeitamente Belo em Sua Santidade e Majestade.

Referindo-se à obra de Bezalel e Aoliabe, Ferguson (2000, p. 26) escreve:

A beleza e a simetria da obra executada por esses homens na construção do tabernáculo não só deram prazer estético, mas um padrão físico no coração do acampamento que serviu para restabelecer expressões concretas da ordem e glória do Criador e suas intenções em prol de sua criação.

As Escrituras nos mostram que Deus, como autor de toda beleza, aprecia o belo. A beleza não tem existência própria e autônoma; ela provém de Deus, daí o perigo de fazermos a separação entre beleza e Deus, correndo o risco de adorar a criação em lugar do Criador (Rm 1.25). O belo, por sua vez, não tem apenas um sentido funcional; antes, é prazeroso, refletindo de alguma forma a grandeza da Criação divina que, por sua vez, reflete a natureza majestosa de Deus e Seu amor que faz com que Ele Se comunique conosco de forma tão bela e harmoniosa. Portanto, a nossa criatividade deve ser atribuída a Deus, sua fonte inesgotável e perfeita. O Deus que nos criou à Sua imagem é o Artista original. O nosso senso estético procede também de Deus, como por uma *imagem*.

Nós, como imagem, tentamos imitá-Lo de forma subjetiva, visto que somente Deus possui de forma absoluta a objetividade do Belo em Suas perfeições.

12 Na mesma linha escreveu Schaeffer (2010, p. 20): "A Bíblia não proíbe a confecção de arte figurativa e sim sua adoração. Só Deus deve ser adorado. Portanto, o mandamento não é contra a arte, mas contra a adoração a qualquer coisa além de Deus e, especificamente, contra a adoração à arte. Adorar a arte é um erro; produzi-la, não". À frente: "Não é a existência da arte figurativa que é errada, mas o seu uso incorreto" (p. 30).

É claro que essa criatividade imaginativa também foi afetada e manchada pelo pecado, e o produto de nosso trabalho também refletirá essencialmente isso. Portanto, indicando o senhorio de Cristo sobre todas as coisas, devemos submeter a nossa habilidade de criar e recriar à realidade de nosso Senhor. Desse modo, o nosso trabalho deve ser sempre uma expressão de culto a Deus por meio dos talentos que Ele mesmo nos confiou.

Eu não preciso necessariamente de um motivo a mais para criar. A minha criação poderá ser bela em sua temática e composição. Não preciso de justificativa ulterior. O algo mais pode ser altamente estimulante e necessário, contudo, estará sempre numa escala secundária. Posso compor uma música simplesmente para expressar a minha fé em meio às angústias e incertezas da vida cotidiana; retratar a beleza do amor entre um homem e uma mulher (que deve refletir o amor de Deus por Sua Igreja [Ef 5.25]), ou, ainda, fazer um poema que descreva a dor da saudade ou a esperança de um reencontro. Nessas expressões revelo a minha condição de criatura que ama, sofre, deseja e tem expectativas. Nenhum desses sentimentos é-nos estranho, afinal, somos homens finitos, limitados, vivendo no tempo, na condição de pecadores. Ainda que nem tudo que produzamos seja uma expressão pecaminosa, é, sem dúvida, uma manifestação de nossa maravilhosamente complexa finitude, da condição humana. Daí, talvez, o desejo implícito de que nossa arte permaneça; há o “pressentimento de imortalidade”, que se manifesta no desejo e esperança de que a nossa produção seja vista, lida, ouvida, admirada e interpretada também em nossa posteridade.

A arte, portanto, é uma expressão de percepção de mundo. Essa percepção está longe de ser neutra. Por isso, toda arte é existencial e axiológica. Aqui temos um ponto-final. Contudo, se pessoas são levadas a Cristo por meio desta música, desse quadro ou daquela poesia, não torna a minha arte melhor ou pior. Isso, ainda que relevante, não muda a essência do que fiz (qualidade), do princípio que me orientou (a Palavra) e do seu objetivo final que é glorificar a Deus. Há sempre o perigo de sermos pragmáticos, apesar de cheios de boas intenções. Deus pode se valer de um jumento, contudo, nem por isso devo me inspirar neste animal criado por Deus como meio de expressão de minha natureza, ainda que Deus também o empregue para demonstrar a nossa insanidade espiritual (Is 1.3; Sl 32.9; Jr 8.7). Ele toma dois animais difíceis de trato: o boi e o jumento. Mostra que a obtusidade, a teimosia e a dificuldade de condução desses animais dão-se pela sua própria natureza. O jumento e o boi agem conforme as suas próprias estruturas criadas por Deus. No entanto, assim mesmo, eles sabem reconhecer os seus donos, aqueles que lhes alimentam. O homem, por sua vez, como coroa da criação, cedendo ao pecado perdeu totalmente o seu discernimento espiritual; já não reconhecemos nem mesmo o nosso Criador; antes, lhe voltamos as costas e prosseguimos em outra direção.

Paulo diz que a nossa nova criação espiritual levada a efeito por Deus é uma obra de arte. O homem é a obra-prima de Deus e os salvos têm o seu “homem interior” criado de novo em Cristo Jesus: “Pois somos feitura (ποίημα = “obra de arte”) dele, criados (κτίζω) em Cristo Jesus para as boas (ἀγαθός) obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10).

Somos filhos de Deus, criados não por qualquer um, mas pelo próprio Deus (Sl 100.3). Deus nos recria em Cristo, o Deus Encarnado, não simplesmente para uma admiração recíproca, mas para que caminhemos nas boas obras preparadas de antemão, as quais, devido às nossas limitações, nem sempre nos parecerão belas, contudo, foram ordenadas por Deus. Os caminhos propostos pela Sabedoria de Deus são belos (Pv 3.17). A grande beleza estética na vida do homem está em obedecer a Deus, seguindo os Seus caminhos!

Com base no texto de Efésios, podemos dizer que o homem é o mais belo poema de Deus, criado em Cristo Jesus nosso Senhor! O nosso novo nascimento deve nos conduzir a uma maior sensibilidade para com a beleza da Criação de Deus. Contudo, a fé cristã não se expressa em mero culto à beleza, antes, em adoração ao Deus criador de todas as coisas.

Deus, como fonte de toda beleza, exercita a arte em toda a Sua Criação. O que Schaeffer diz a respeito dos Alpes suíços, nós, brasileiros, poderíamos falar com muito maior propriedade a respeito das belezas diversificadas de nossa terra: “Vá aos Alpes e observe as montanhas cobertas de neve. Não há como contestar. Deus se interessa por beleza. Ele fez as pessoas para serem belas e a beleza tem seu lugar na adoração a Deus” (SCHAEFFER, 2010, p. 25).

Portanto, ainda que a *Bíblia* não seja um livro que trate de teoria estética, oferece-nos parâmetros para avaliar o sentido da arte e o seu propósito¹³.

COSMOVISÃO E ARTE

Em suas *Memórias*, Ludwig Richter [1803-1884] lembra uma passagem de sua juventude, quando certa vez, em Tivoli, ele e mais três companheiros resolveram pintar um fragmento de paisagem, todos firmemente decididos a não se afastarem da natureza no menor detalhe que fosse. E embora o modelo tivesse sido o mesmo e cada um tivesse sido fiel ao que seus olhos viam, o resultado foram quatro telas completamente diferentes – tão diferentes quanto as personalidades dos quatro pintores. O narrador concluiu, então, que não havia uma

13 Para uma amostragem de quanto a *Bíblia* foi fonte de inspiração para a estética medieval, vejam-se Bruyne (2010, p. 16-20, 1963, p. 21 ss).

maneira objetiva de se verem as coisas, e que formas e cores seriam sempre captadas de maneira diferente, dependendo do temperamento do artista (WÖLFFLIN, 2006, p. 1).

Cosmovisão pode ser definida como o conjunto de princípios teóricos que se constituem nos óculos por meio dos quais percebemos e interpretamos a realidade.

Podemos definir *arte* como uma expressão intelectual – consciente ou não –, subjetiva e sensível de nossa cosmovisão. *Intelectual*, porque é própria do homem como ser pensante. *Subjetiva* porque é pessoal. *Sensível* porque não existe arte secreta e, também, porque a arte precisa ser “manufaturada” para se tornar perceptível; ela necessita ser experimentada. O próprio Deus, antes de criar o homem, compartilha consigo mesmo a respeito deste grandioso empreendimento (Gn 1.27).

O nosso padrão de beleza será sempre limitado e subjetivo, ainda que cada aspecto da Criação tenha a sua beleza própria decorrente de sua natureza e propósito. A nossa inspiração ao belo, independentemente de condicionantes culturais, sociais, ideológicos e pessoais, tem dois condicionantes ontológicos: somos *criaturas* e como tais, estamos sujeitos a um delimitador existencial: pelo fato de todo o nosso conhecimento ser mediado, portanto, parcial, é suscetível a ruídos e desvirtuamentos tanto na percepção quanto na comunicação. Outro ponto, mais significativo, é que com a Queda nos tornamos essencialmente pecadores, perdemos a nossa sensibilidade espiritual e, como vimos, todo o nosso ser foi afetado pelo pecado, nada ficou imune a essa depravação. Além disso, o que nos inspira, a Criação em todas as suas manifestações, tem também a mancha do pecado. Portanto, como já dissemos, a Beleza absoluta está em Deus. O usufruir da beleza e do senso de beleza é um dom da graça comum de Deus. A Arte com “A” maiúsculo pertence somente a Ele, em Quem temos de forma plena e perfeita o Belo e o padrão absoluto de Beleza. Somente Deus pode de forma absoluta dizer que a Sua obra é boa e perfeita dentro dos objetivos por Ele santa e sabiamente estabelecidos (Gn 1.31). A proximidade de Deus, Aquele que é belo em Sua santidade (Sl 27.4; 96.9), nos aperfeiçoa, nos concedendo maior sensibilidade para com a beleza expressa na Criação, nos feitos humanos e em nossas relações fraternas.

Calvino entendia que a arte e as demais coisas que servem ao uso comum e conforto desta vida são dons de Deus; portanto, devemos usá-las de forma legítima a fim de que o Senhor seja glorificado. Quanto mais o homem se aprofunda nas “artes liberais” e investiga a natureza, mais se aproxima “dos segredos da divina sabedoria” (CALVINO, 1985, I.5.2). Ainda que as artes não tenham poder redentivo, e, a bem da verdade, não é este o seu propósito, elas contribuem para temperar

a nossa vida com mais encanto e beleza, quer pelo que reproduzem (o seu tema)¹⁴, quer pela forma de fazê-lo (habilidade)¹⁵. A beleza da arte não está simplesmente em sua temática, mas, também, na qualidade daquilo que reproduz e reinventa a partir da natureza que a alimenta. Analisemos alguns aspectos disso:

Boa qualidade com uma cosmovisão defeituosa

Devemos tomar cuidado para não confundir a cosmovisão do artista expressa em sua arte com a qualidade com a qual ele a retrata. Posso apreciar com entusiasmo a qualidade de uma obra sem, necessariamente, concordar com a mensagem comunicada. Porque não concordo com a cosmovisão do artista nem por isso a sua obra se torna simplesmente algo de baixa qualidade.

Horton emprega figuras fortes, porém, ilustrativas. Depois de dizer que considera “obras-primas” trabalhos dos ateus J. P. Sartre (1905-1980); A. Camus (1913-1960) e Richard Wagner (1813-1883), ainda que não concordasse com a visão deles, arremata: “E Wagner, compositor favorito de Hitler e um devoto do niilismo ateu de Nietzsche que produziu o Holocausto, hoje é ouvido em auditório em Tel Aviv” (HORTON, 1998, p. 107)¹⁶.

Contudo, cabe aqui uma advertência. Não sejamos ingênuos. Uma obra da qual discordo da cosmovisão de seu autor, porém foi bem elaborada, pode não contar com minha aprovação simplesmente porque considero que o artista apelou a cores por demais exageradas e desnecessárias para enfatizar o seu ponto. Exemplifico: no intuito de retratar a beleza do amor entre um homem e uma mulher, o diretor pode apelar para cenas de nudez e sexo; para descrever as práticas religiosas idólatras e a sua associação com a sensualidade, usar do mesmo expediente. Para falar de violência pode-se chegar a atos de extrema violência para impactar o seu público etc. De certa forma, o meio é a mensagem. Os meios revelam os meus fins. A minha cosmovisão pode ser vista, por vezes, no meu objetivo não declarado, ainda que revelado. Vejam se não é isso que acontece em muitos de nossos comerciais, programas de humor ou até mesmo em um quadro de determinado programa que ajuda mulheres, escolhidas aleatoriamente nas praias, a se “vestir” melhor com roupas de banho, “valorizando” o seu tipo físico. Creio que tudo que existe é digno de ser estudado, todavia, nem tudo que existe precisa ser retratado com a mesma ênfase e com detalhes desnecessários.

14 Ilustrativo é o desenho feito por Peter Paul Rubens (1577-1640), *Retrato de seu filho, Nicholas* (c. 1620).

15 Neste particular, um bom exemplo é o desenho feito por Albrecht Durer (1471-1528), *Retrato de sua mãe* (1514).

16 Houve de fato protestos, porém, também aplausos. Vejam-se, por exemplo: BBC News (2001) e Goldenberg (2000).

Boa cosmovisão com baixa qualidade

Orbaneja, o pintor de Úbeda, que, perguntando-se-lhe o que pintava, respondeu: "o que sair". E às vezes pintava um galo, de tal feitio e tão pouco parecido, que era necessário escrever-se-lhe ao pé em letras grandes: "Isto é um galo" (SAAVEDRA, 1978, p. 326).

De igual modo, posso apreciar o tema e a mensagem de uma obra, reconhecendo, contudo, a baixa qualidade do que foi produzido. Em outras palavras: por que algo foi feito supostamente para Deus, um dueto, por exemplo, não o torna agradável ouvi-lo. O fato de eu ser um cristão sincero e desejar glorificar a Deus com minha arte não torna a qualidade de minha obra boa. Não podemos confundir as coisas sem incorrer em falta grave. Isso me faz lembrar uma brincadeira muito comum entre familiares e amigos: achamos linda uma camisa ou um sapato na vitrine até que vejamos com alguma dificuldade na etiqueta meio escondida o preço exorbitante (no fundo já desconfiávamos. Em geral, produtos baratos ou em "promoção" são os que têm seus preços expostos). Os produtos passam imediatamente por uma transformação metafísica: "são muito feios", declaramos com um misto de ironia e frustração.

Algo que pode contribuir para a baixa qualidade do que fazemos é a pressa em pegarmos tendências e modismos, sem nos darmos conta de sua consistência e, portanto, durabilidade. Dificilmente uma arte apressada poderá durar. Tudo que fazemos é transitório, sabemos. Contudo, isso não significa que seja descartável. A nossa obra deve primar por consistência de propósito (glorificar a Deus) e de composição (qualidade), não por modismos circunstanciais. O que é, é. A excelência no que fazemos deve caracterizar a nossa produção, ainda que nossos contemporâneos não reconheçam necessariamente a qualidade do que produzimos.

Cosmovisão e avaliação

A avaliação cristã de todas as coisas deverá ser crítica e construtiva. Como sabemos, o artista não é neutro e, conseqüentemente a sua obra também não é. Aliás, o que seria neutro em nossa existência? A cosmovisão do artista não pode estar acima de uma avaliação. O seu produto não é simplesmente produto de seu gênio autônomo, tão desejado, porém inexistente. Aliás, inclino-me a crer que o seu gênio é profundamente modelado pelo "clima" ou "atmosfera" de sua época, pelas cores com as quais a realidade é pintada e os acordes que dão o tom aos valores hodiernos, ainda que isso não determine uma única forma de

apreensão e expressão, como sublinha Wölfflin (1864-1945) (2006, p. 331 ss.). O artista, como todos nós, não pode ser separado da história e da sua história.

Como cremos que podemos conhecer a verdade – ainda que não exaustivamente –, nenhuma cosmovisão está acima de uma avaliação bíblica. Os bereanos se constituem em exemplo de uma avaliação criteriosa do que ouviram primariamente com atenção e interesse, independentemente de quem lhes ensinava, conforme narra Lucas:

Ora, estes de Bereia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, *examinando* (ἀνακρίζω) (“fazer uma pesquisa cuidadosa”, um “exame criterioso”, “inquirir”) as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim (At 17.11).

O nosso desejo de servir a Deus não nos deve tornar presas fáceis de qualquer ensinamento ou doutrina; precisamos cientificar-nos se aquilo que é-nos transmitido procede ou não de Deus. Para este exame, temos as Escrituras Sagradas como fonte de todo conhecimento revelado a respeito de Deus e do que Ele deseja de nós. O não investigar (Sl 10.4) é um mal em si mesmo. Um bom princípio é examinar o que se nos apresenta como realidade em suas multifárias percepções, não nos deixando seduzir e guiar por nossas inclinações ou pelas tendências massificantes. Em geral, quando nos faltam critérios objetivos, apelamos para o gosto como critério definitivo e solitário. Assim, somos conduzidos simplesmente por princípios que nos agradam sem verificar a sua veracidade. O fim disso pode ser trágico. Assim sendo, por mais autoeloquentes que possam se configurar aspectos da chamada realidade, precisamos examiná-los antes de os tomarmos como pressupostos para a aceitação de outras declarações também reivindicatórias. Quando nos omitimos deste exame, deste juízo crítico, sem perceber estamos contribuindo para que os ensinamentos hoje aceitos inconsistentemente amanhã se tornem pressupostos que determinarão as nossas escolhas e avaliações (veja-se: LEWIS, 2005, p. 5).

As hipóteses de hoje poderão se tornar as teorias de amanhã e as futuras leis do pensamento e da moral¹⁷. Neste caso, já estarão acima de qualquer suspeita e discussão: tornaram-se verdade. A ciência é, com frequência, um refinamento das observações cotidianas.

Como escreveu Pearcey (2006, p. 44): “A questão importante é o que aceitamos como premissas básicas, pois são elas que moldam tudo o que vem depois”. Há o perigo de, sem nos darmos conta, formar a nossa cosmovisão baseados em

17 “Aquilo que começa hoje como uma especulação filosófica acaba movendo exércitos e construindo impérios amanhã” (HORTON, 1998, p. 166).

um mosaico de peças promíscuas, contraditórias e excludentes. O homem não é medida de todas as coisas como queria Protágoras (c. 480-410 a.C.) e os renascentistas ao revisitarem a sua frase. No entanto, isso não significa a admissão de falta de um referencial, antes, na afirmação de que Jesus Cristo é a medida, o cânon da verdade e, portanto, de toda avaliação que fizermos da realidade que nos circunda.

Os bereanos tinham um padrão de verdade; eles criam na sua existência e acessibilidade. Examinaram o que Paulo dizia à luz das Escrituras, ou seja, o Antigo Testamento. Se não tivermos um referencial teórico claro, como poderemos analisar de modo coerente a realidade? Sem referências, tudo é possível dentro de um quadro interpretativo forjado conforme as circunstâncias e meus interesses. Todo absoluto envolve antíteses.

Talvez, mesmo para nós, cristãos, esteja faltando hoje, ainda que não de hoje, um *pensamento cristão*; uma mente cativa a Cristo que nos propicie o desenvolvimento de uma cosmovisão cristã.

Rookmaaker (1922-1977), em sua obra inacabada, é bastante enfático:

Hoje, se estudarmos os grandes artistas e seus feitos, não conseguiremos identificar qual era a força propulsora de sua vida, no que eles criam, o que defendiam. Essas coisas, vistas como subjetivas, são deixadas de fora. Temos a impressão de que esses grandes nomes do passado eram capazes de produzir suas obras de arte a partir de sua própria genialidade e ideias, e que a religião tinha pouco a ver com isso. Precisamos nos atentar para esse fato para não cairmos nessa perversão inerente, pois ela é fundamentalmente uma inverdade. Os estudiosos modernos, os historiadores, os historiadores da arte e os filósofos (assim como os artistas), fazem muito mais do que apenas seguir as tendências. Eles operam a partir de uma perspectiva básica da vida e da realidade. Essa perspectiva geralmente se configura como uma religião irreligiosa (ROOKMAAKER, 2010, p. 16-17).

Sendo olhada pelo ângulo correto e abrangente, a arte descreve a nossa situação de pecado e miséria, contudo, deve retratar também a nossa nova humanidade, redimida por Cristo. Aqui não há nenhum idealismo, antes, um realismo bíblico: somos chamados, como sal da terra e luz do mundo, a apresentar a perspectiva abrangente da realidade bíblica. Assim, ela nos conduz a glorificar a Deus, o Senhor de toda Criação e, também, da Sua Recriação. O artista sem a cosmovisão cristã tenderá a cair em um destes dois aspectos verdadeiros, porém reducionistas: *pessimismo niilista* ou *otimismo romântico*, sem um fundamento sólido. Somente o cristão com uma cosmovisão bíblica consistente pode, de

fato, retratar ambos os aspectos da realidade: pecado e restauração; separação e reconciliação, morte e ressurreição em Cristo Jesus, o Deus encarnado. Somente em Cristo poderemos ter uma visão objetiva da beleza da realidade proveniente de Deus:

O mundo dos sons, o mundo das formas, o mundo das cores e o mundo das ideias poéticas não pode ter outra fonte senão Deus; e é nosso privilégio, como portadores de sua imagem, ter uma percepção deste mundo belo, para reproduzir artisticamente, para gozá-lo humanamente (KUYPER, 2002, p. 164).

Dessa perspectiva, o artista tenta reproduzir a sua percepção da natureza, por mais crua que ela seja, ou a sua visão de como deveria ser. Ele molda a natureza e esta o educa de forma retroativa, gradativa e cativante. A natureza criada por Deus pode e deve ser valorizada a despeito do pecado e de sua mancha sobre toda a Criação; ela continua sendo uma manifestação da majestade e bondade de Deus. Dentro da visão de Calvino, a arte deve ser vista como proveniente de Deus, que nos adornou com esses dons. Por isso mesmo, ela deve ter um uso legítimo. A arte não tem um fim em si mesma, antes, está a serviço do homem com o fim de conduzi-lo a Deus. Portanto, a Revelação de Deus é o elemento aferidor da natureza e do propósito da arte. Portanto, a arte, ainda que tratando de coisas materiais, com objetivos não especificamente transcendentais, é sempre missionária, ainda que não no sentido redentivo, mas no sentido de que mesmo objetivando trazer frescor, descontração e estímulo, refletirá sempre uma referência maior, valores transcendentais que referendam até mesmo o meu lazer e as coisas aparentemente banais de meu cotidiano.

Bavinck (1854-1921) escreve de modo magistral, mostrando que a arte provém de Deus, tendo também um sentido confortador:

A arte também é um dom de Deus. Como o Senhor não é apenas verdade e santidade, mas também glória, e expande a beleza de Seu nome sobre todas as Suas obras, então é Ele, também, que, pelo Seu Espírito, equipa os artistas com sabedoria e entendimento e conhecimento em todo tipo de trabalhos manuais (Ex 31.3; 35.31). A arte é, portanto, em primeiro lugar, uma evidência da habilidade humana para criar. Essa habilidade é de caráter espiritual, e dá expressão aos seus profundos anseios, aos seus altos ideais, ao seu insaciável anseio pela harmonia. Além disso, a arte em todas as suas obras e formas projeta um mundo ideal diante de nós, no qual as discórdias de nossa existência na terra são substituídas por uma gratificante harmonia. Desta forma a beleza revela o que neste mundo caído tem sido obscurecido à sabedoria

mas está descoberto aos olhos do artista. E por pintar diante de nós um quadro de uma outra e mais elevada realidade, a arte é um conforto para nossa vida, e levanta nossa alma da consternação, e enche nosso coração de esperança e alegria (BAVINCK, 2001, p. 21-22).

Contudo, continua ele, a arte, como não poderia deixar de ser, tem seus limites. Isto deve ser observado com atenção:

Mas apesar de tudo o que a arte pode realizar, é apenas na imaginação que nós podemos desfrutar da beleza que ela revela. A arte não pode fechar o abismo que existe entre o ideal e o real. Ela não pode transformar o além de sua visão no aqui de nosso mundo presente. Ela nos mostra a glória de Canaã à distância, mas não nos introduz nesse país nem nos faz cidadãos dele. A arte é muito, mas não é tudo. [...] A arte não pode perdoar pecados. Ela não pode nos limpar de nossa sujeira. E ela não é capaz de enxugar nossas lágrimas nos fracassos da vida (BAVINCK, 2001, p. 22)¹⁸.

As declarações de Bavinck revelam a sua cosmovisão cristã. Devemos então entender que a chamada “arte cristã” não deve ser caracterizada pelo seu tema (assuntos bíblicos, os quais, obviamente, têm a sua relevância própria ou temas considerados religiosos¹⁹), mas, sim, pela sua qualidade e pelo seu propósito, tendo em vista o caráter cristão. Não existe escola que ensine “arte cristã”. Podemos quem sabe estudar em uma escola de arte, porém, não de arte cristã, como se esta fosse um tipo de arte. O artista cristão revelará naturalmente em sua arte a sua fé.

Nem toda arte que tem como tema assuntos bíblicos é *arte cristã*. Por exemplo, pelo fato de eu elaborar uma música com tema “evangélico” ou reproduzir na tela uma cena bíblica, não quer dizer que o meu produto seja necessariamente “arte cristã”. Na realidade, posso apenas ter descoberto que esta é uma boa fatia do mercado no qual devo aplicar o que julgo ser o meu talento e vocação. Ou reproduzir tais temas em uma cosmovisão totalmente secular que me domina, ainda que não tenha percebido isso. Por outro lado, podemos ter um escritor cristão que resolva escrever uma obra de ficção, filosofia, educação ou administração de empresas, e o faz com competência, com amplo referencial

18 Do mesmo modo, veja-se: Horton (1998, p. 84).

19 Neste caso específico, podemos observar que Arão, em momento de fraqueza espiritual e de caráter, cedendo à pressão do povo, usou de suas habilidades artísticas para fazer um bezerro de ouro, fugindo totalmente ao propósito da arte exibida por Deus na Criação e na entrega dos Dez Mandamentos. “Feri, pois, o SENHOR ao povo, porque fizeram o bezerro que Arão fabricara (אָהֵל) (*asah*)” (Ex 32.35/Ex. 32.1-5,21-24). O contraste perfeito está na obra de Deus: “Viu Deus tudo quanto fizera (אָהֵל) (*asah*), e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia” (Gn 1.31). “As tábuas eram obra (אָהֵל) (*ma'aseh*) de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas tábuas” (Ex 32.16).

cristão, tendo como meta glorificar a Deus reconhecendo a Sua graça em sua vida e produção. Esta obra seria uma “arte cristã”. Nesse caso particular, as obras pedagógicas de Comênio (1582-1670), os diversos livros do não somente poeta T. S. Eliot (1888-1965) e as diversas obras de ficção de C. S. Lewis (1898-1963) devem ser considerados como ilustrativos desse princípio.

A *arte cristã*, se é que podemos falar assim, deve ser avaliada a partir de sua *cosmovisão, qualidade e propósito*. A arte cristã só é possível a partir de um cristão. Devemos pedir a Deus que nos dê discernimento para que neste mundo caído possamos refletir em nossas obras a obra de Deus em nós. Desse modo, seria mais razoável dizer ao artista cristão que não faça “arte cristã”, mas que seja um artista aplicado, coerente com a sua fé. Em síntese: *seja um cristão artista*. Há sempre o perigo de nos apossarmos de todo um modelo secular, colocar um verniz cristão e não percebermos as incompatibilidades entre o conteúdo e a forma, nos esquecendo de que a forma também não é neutra. Há o risco evidente de o meio superar a mensagem. É preciso ter cautela para não usarmos ferramentas nas quais estejam pressupostos conceitos não cristãos, nos tornando inocentes úteis de uma determinada cosmovisão. Tais ferramentas tendem a moldar o seu usuário.

São significativas as observações de Colson e Pearcey (2006, p. 291):

O perigo é que a cultura popular cristã possa imitar a cultura em voga, mudando somente o conteúdo. [...] Estamos criando uma cultura genuinamente cristã, ou estamos simplesmente criando uma cultura paralela com uma aparência cristã? Estamos impondo um conteúdo cristão a uma forma já existente? A forma e o estilo sempre transmitem uma mensagem própria.

Rookmaaker (2010, p. 61), especificando a música, comenta:

Falar de música cristã não significa necessariamente falar de uma música cuja letra transmita uma mensagem bíblica explícita ou expresse a experiência de uma vida de fé e obediência piedosa. A obediência não está restrita às questões de fé e ética. E aí entra a totalidade da vida. É a mentalidade, o estilo de vida, que recebe forma e expressão artística.

Cosmovisão cristã não significa ter o mesmo senso estético, ainda que o nosso propósito seja o de glorificar a Deus. Como criados à imagem de Deus, temos inteligência e sensibilidade, contudo, não somos uniformes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artista cristão é como um cristal que reflete a luz da revelação de forma diversificada. A nossa unidade não significa uniformidade. Deus cria do nada; nós, do nada, nada criamos, contudo, remodelamos as formas atribuindo sentido *imaginativo* e *imitativo* à Criação, fazendo o que nos é próprio na condição de *imagem*²⁰. O nosso trabalho encontra o seu modelo em Deus, Aquele que o inspira pelo Seu testemunho e ensino: “⁹Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. [...]”¹¹ porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há...” (Ex 20.9, 11).

Assim, além de percepções variadas, há gostos e talentos diferentes, ainda que com o mesmo propósito último:

Num sentido podemos nos regozijar porque, nos artistas, divergências na recepção do testemunho do Santo Espírito conduzem a formas diversas, apesar da analogia deste testemunho, e deve-se ver, na variedade destas orientações, uma viva riqueza de realizações (MUSCULUS, 1938, p. 192).

Portanto, isso não significa que toda obra de arte, independentemente de sua técnica e beleza, seja agradável a Deus. Como temos insistido, a arte em seu conjunto reflete a cosmovisão do artista. Esta deve ser avaliada a partir de uma cosmovisão bíblica. Por sua vez, “a arte cristã é a expressão da vida integral da pessoa toda que é cristã. Aquilo que o artista cristão retrata em sua arte é a totalidade da vida. A arte não deve ser apenas um veículo para um tipo de evangelismo autoconsciente” (SCHAEFFER, 2010, p. 74).

Como princípio geral para a nossa criação e avaliação, deve permanecer a instrução de Paulo aos filipenses, envolvendo o discernimento necessário em todas as coisas, exercitando a mente de Cristo que está sendo formada em nós:

Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento (Fp 4.8).

Que Deus nos ilumine. Amém.

²⁰ As palavras *imagem*, *imaginativo* e *imitar* têm uma raiz comum.

Cosmovision and art: a committed introduction

ABSTRACT

Starting from the principle that there is no neutrality in any avaluation, we describe the Creation, the Fall and the Redemption of man analyzing how the arts – a reflex of the image of God in the human being – are present in all cultures. He stands that all kind of art points to the cosmovision of its author and presents some elements that distinguish the so called christian art, and the need of a biblical avaluation. He understands that the absolute standard of beauty, from which we have reflections, is in God, that has given the Scriptures as an evaluative parameter. Only a christian can stand an consistent art with the amplitude of the revealed reality.

KEYWORDS

Art. Cosmovision. General revelation.

REFERÊNCIAS

- BAVINCK, H. *Teologia sistemática*. Santa Bárbara d'Oeste: Socep, 2001.
- BBC NEWS. Banrenboim breaks Wagner taboo. *BBC News*, 8 July 2001. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/1428634.stm>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- BRUYNE, E. de. *Historia de la estetica: la antigüedad cristiana*. La Edade Media. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1963. v. II.
- BRUYNE, E. de. *La estética de la Edad Media*. 3. ed. Madri: Machado Libros, 2010.
- CALVINO, J. *O livro dos Salmos*. São Paulo: Paracletos, 1999. v. 1.
- CALVINO, J. *As institutas da Religião Cristã*. Campinas: Luz para o Caminho; São Paulo: Cultura Cristã, 1985-1989. 4 v.
- CALVINO, J. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997.
- CHIPP, H. B. *Teorias da arte moderna*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COLSON, C.; PEARCEY, N. *O cristão na cultura de hoje*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.
- EURONEWS. "O Grito" de Munch vendido por preço recorde. *Euronews*, 3 maio 2012. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2012/05/03/o-grito-de-munch-vendido-por-preco-recorde>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- FARHING, S. *Tudo sobre arte*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- FARIA, E. G. (ed.). *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo: Pendão Real, 2008.
- FERGUSON, S. B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

- GOLDENBERG, S. Is Israel ready for Wagner? *The Guardian*, Oct. 27, 2000. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2000/oct/27/israel2>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- HORTON, M. S. *O cristão e a cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- KUYPER, A. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LLOYD-JONES, D. M. *Deus o Espírito Santo*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1998.
- LLOYD-JONES, D. M. *O combate cristão*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991.
- LORAN, E. *Cézanne's Composition*. 3. ed. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1963.
- MACHEN, J. G. *Cristianismo y cultura*. Barcelona: Asociación Cultural de Estudios de la Literatura Reformada, 1974.
- MAY, R. *Poder e inocência*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- MUSCULUS, P. R. *La prière des mains: L'Église réformée et l'art*. Paris: Je Sers, 1938.
- ORTEGA Y GASSET, J. *A desumanização da arte*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- OSTROWER, F. *A grandeza humana: cinco séculos, cinco gênios da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- OSTROWER, F. *Universos da arte: edição comemorativa Fayga Ostrower*. 25. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- PEARCEY, N. *Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.
- ROOKMAAKER, H. R. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa: Ultimato, 2010.
- SAAVEDRA, M. de C. de. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SCHAEFFER, F. A. *A arte e a Bíblia*. Viçosa: Ultimato, 2010.
- SCHAEFFER, F. A. *Como viveremos?* São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- STIGERS, H. G. Arte, artes. In: TENNEY, M. C. (org.). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 5 v.
- WÖLFFLIN, H. *Conceitos fundamentais da história da arte*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido em: 9 de outubro de 2018 **Aprovado em:** 18 de outubro de 2018